

O SR. JOSÉ RICHÁ — V. Ex<sup>a</sup> está carregado de razões, tanto numa como noutra das suas duas observações. Na verdade, o que está acontecendo atualmente é exatamente isso. O Governo pega uma determinada categoria profissional e estraçalha, joga para a opinião pública como se fossem os maiores marginais, os maiores sonegadores, os maiores impatriotas deste País. Isto não é possível continuar acontecendo.

Com relação à outra observação de V. Ex<sup>a</sup>, nobre Senador Affonso Carmago, é verdade. Embora não queiramos aqui fazer apologias da sonegação, é preciso ir à raiz dos problemas. E a raiz do problema, hoje, qual é? É a falta de credibilidade no Governo. O povo vê esses gastos nababescos, absurdos, obras megalomaniacas, os tais programas nucleares, as sedes suntuosas, as mordomias e a própria corrupção.

É evidente que isso, no íntimo, induz o sujeito a tentar, se possível, não recolher o seu tributo, porque ele sabe que se recolhido será mal aplicado.

Então, é preciso ir à raiz do problema. Um governo para ter moral, para exigir da sociedade brasileira o cumprimento das suas obrigações é necessário que primeiro dê o exemplo, senão, não tem jeito.

Com relação aos médicos e dentistas, cumpre lembrar que deles o Governo se lembra apenas para pedir compreensão; pedir colaboração, paciência e serviço; clamar pelo espírito de humanidade e cívico; invocar o seu patriotismo, como sempre fez com a classe trabalhadora. Mas deles o Governo não se lembra na hora de remunerar condignamente, na hora de fazer seus pagamentos de trabalho com seis e mais meses de atraso, como acontece com as contas do INPS. Acusam-nos de mercenários, mas negam-lhes até o direito sagrado de receberem pontualmente o fruto de seu trabalho. Não é de estranhar, pois, a desconfiança com que os médicos e dentistas vêem agora o Estado fiscal, acostumados que estão a sofrer na pele as agruras impostas pelo Estado patrão, mau pagador, mas perdulário e irresponsável construtor de obras megalomaniacas e viagens paradisíacas, como que rindo insensível da pobreza e da infelicidade do povo a quem devia assistir.

Por isso tudo, pode-se retirar do episódio a dura lição final:

— quando o administrador público perde o respeito pela justiça social, pela verdade e pelo bom senso, gastando desordenada e negligentemente os recursos públicos;

— quando a política fiscal distingue, dentro da sociedade, os muitos que devem pagar a conta em benefício de alguns poucos;

— quando a insensibilidade e a frieza impedem que se corrijam as injustiças de tributar excessivamente rendimentos do trabalho ao longo de quinze anos, enquanto beneficia com subsídios e incentivos, provavelmente ineficazes, a privilegiados segmentos da sociedade;

— quando a política creditícia e financeira converge sempre para benefício de alguns poucos, em detrimento de todos os demais, inclusive sob o manto da falácia de que os recursos são escassos;

— quando, finalmente, esse governo se nega a enfrentar livre e democraticamente o julgamento popular do voto livre, buscando nos casuísticos sucessivos viciá-lo, dificultar e até impedir esse julgamento, não se pode deixar de pensar que alguma razão existe na coletividade quando esta se nega a pagar a conta desse Governo!

Por tudo isso, embora reconhecendo a legitimidade da ação fiscal sobre contribuintes em falta com suas obrigações fiscais, não podemos deixar de registrar, neste momento difícil, nossa solidariedade e compreensão para com a classe médica e para com os dentistas, colocadas contra a parede por erros e falhas que nem sempre cometeram, compelidos agora a virar fiscais do Governo, e saírem atrás de contribuintes que nem sempre conhecem, sob pena de por eles pagarem, com juros e correção monetária, além de multa, a parte de uma conta que não gastaram e que não devem. (*Muito bem! Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Kalume) — Concedo a palavra ao nobre Senador Evandro Carneira, na qualidade de Líder do PT.

O SR. EVANDRO CARREIRA PRONUNCIA DISCURSO QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. PRESIDENTE (Jorge Kalume) — Concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana, para uma breve comunicação.

O SR. LUIZ VIÂNNA (PARA uma comunicação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

O mundo cultural do Brasil está festejando este mês o nonagésimo aniversário do poeta, romancista e escritor Menotti Del Picchia.

Acho que é um fato de tal relevo na vida do País que não poderemos deixar que ela passe sem um registro nesta Casa.

Seria inteiramente desnecessário que eu dissesse quem é Menotti Del Picchia e o que tem feito Menotti Del Picchia.

Quem é? É uma personalidade realmente rica, uma personalidade múltipla. Eu diria que a única coisa que Menotti não tinha feito era 90 anos. Agora, ele também já fez isto. Porque ele é poeta é romancista, é escultor, é pintor, jornalista, político parlamentar, tendo durante algumas legislaturas honrado não somente a Assembléia Legislativa de São Paulo mas também a Câmara Federal dos Deputados.

A sua obra mais conhecida é o "Juca Mulato", que é uma extensão do "Juca Tatu", de Monteiro Lobato. Ele tem-se projetado na vida intelectual do Brasil por essa diversidade de atividades intelectuais que marcam realmente uma ação profundamente fecunda. Ele pertenceu ao antigo PRP, foi correligionário, secretário do Presidente Washington Luís. E é realmente, para quem com ele convive, quem o conhece, é grato ver como aquele grande homem fala com entusiasmo, com reconhecimento, e eu diria com justiça, da personalidade de Washington Luís. O que ele continuou a fazer, sobretudo depois da Revolução de 30, quando Presidente Washington Luís, perdido o poder, foi para o caminho do exílio. Durante longos anos, Menotti continuou a ser aquele mesmo amigo, aquele mesmo companheiro fiel e dedicado que ele fora no Governo do Presidente Washington Luís. É uma marca, não da sua inteligência, mas do seu caráter, porque, realmente, Menotti Del Picchia se distingue por essa acumulação: ele não é apenas uma grande inteligência, um grande poeta. Ele, talvez seja, com Joaquim Inojosa, hoje, o único sobrevivente daquele fato marcante da vida intelectual e cultural do Brasil que foi a Semana da Arte Moderna de 1922, que reuniu personalidades daquele tempo, a começar pelo maestro Vila-Lobos, Oswald de Andrade, Ribeiro Couto, Volpi, pintores como Tarsilá, Malfatti, todos eles reunidos com o objetivo de dar uma nova mentalidade, uma nova dimensão, novos caminhos à vida intelectual brasileira. Realmente, aquela Semana foi marcante, tendo se derramado sobre o Brasil, sobretudo depois que a ela aderiu Graça Aranha, com a sua célebre conferência na Academia Brasileira de Letras.

Aliás, para fazer um pequeno registro pessoal, eu, a esse tempo, assisti no Rio à conferência que quis fazer no Teatro Municipal, o poeta futurista italiano Marinetti. Mas, no Teatro Municipal, repleto, que vinha abaixo de gente, não pôde falar, não deixaram que ele falasse. Vaíram, aplaudiram, gritaram. Era uma manifestação apenas do conflito que havia aquele tempo. Eram águas represadas, águas em cachoeiras, que depois, com o trabalho realizado pelos que incentivaram e efetuaram a Semana de Arte Moderna, se canalizaram dando realmente um novo aspecto cultural ao Brasil.

Portanto, Sr. Presidente, acho que seria uma omissão grave se o Senado da República não registrasse, através da palavra mesmo de um dos seus mais modestos membros, (não apoiado!) o nonagésimo aniversário do grande poeta, da grande figura que é Menotti Del Picchia.

O Sr. Nelson Carneiro — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. LUIZ VIANA — Com prazer e honrado.

O Sr. Nelson Carneiro — Apenas para lembrar, nessa evocação que V. Ex<sup>a</sup> faz da figura magnífica de Menotti Del Picchia, aquela que foi a sua nobre companheira...

O SR. LUIZ VIANA — Muito bem!

O Sr. Nelson Carneiro — ... a que iluminou a sua vida, Antonieta Ruth.

O SR. LUIZ VIANA — É muito oportuna a lembrança que V. Ex<sup>a</sup> faz daquela grande dama, grande senhora, grande pianista, que foi realmente uma grande inspiradora de Menotti Del Picchia. (*Muito bem! Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Jorge Kalume) — Concedo a palavra para uma breve comunicação à nobre Senadora Laélia de Alcântara.

A SR<sup>a</sup> LAÉLIA DE ALCÂNTARA PRONUNCIA DISCURSO QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. PRESIDENTE (Jorge Kalume) — Concedo a palavra ao nobre Senador Dirceu Cardoso para uma breve comunicação.

O SR. DIRCEU CARDOSO (Para uma comunicação. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, notícias chegadas hoje dão-nos conta de que faleceu esta madrugada, em Vitória, Dona Judite Leão Castelo Ribeiro, ex-deputada estadual em várias legislaturas, minha companheira na Assembléia Legislativa, no tempo do glorioso PSD, uma das figuras marcantes da intelectualidade do meu Estado.

Nascida na Serra, de uma família que deu nomes ilustres para a vida pública, para a vida jurídica e para a vida médica do meu Estado, Judite Leão Castelo Ribeiro, professora das mais destacadas no magistério do meu Estado, guindou-se à política, representando aquele município na Assembléia Legislativa, quando nós também vínhamos, num sopro de bonança, representar o sul do Estado naquela Casa Legislativa.